

## INTERFACES ENTRE EDUCAÇÃO DO CAMPO E AGROECOLOGIA: OS CONHECIMENTOS AGROECOLÓGICOS VALORIZANDO A CONVIVÊNCIA COM O SEMIÁRIDO.

Luany Gabriely da Silva <sup>1</sup>; Ana Paula Pereira do Nascimento<sup>2</sup>; Monalisa Porto Araújo <sup>3</sup>

<sup>1</sup>Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte - Campus Ipanguaçu, [luany1920@hotmail.com](mailto:luany1920@hotmail.com)

<sup>2</sup>Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte - Campus Ipanguaçu, [anapaulaipan@gmail.com](mailto:anapaulaipan@gmail.com)

<sup>3</sup>Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte - Campus Ipanguaçu, [monalisa.porto@ifrn.edu.br](mailto:monalisa.porto@ifrn.edu.br)

### RESUMO

O estudo traz apontamentos referentes às interfaces entre educação do campo e agroecologia como elemento que possibilita a articulação dos conhecimentos agroecológicos valorizando a convivência com o semiárido. A demanda de discussão e de ação parte do grupo de Pesquisa COLETIVO TERRES (Terra, Educação e Saberes), que vem expandindo o processo de formação dos discentes e docentes do IFRN-campus Ipanguaçu, por meio da tríade ensino, pesquisa e extensão considerando as temáticas em relação: Educação do campo, Educação Popular, Tecnologia Social, Convivência com o Semiárido, Educação Ambiental e Práticas Agroecológicas. Este estudo foi desenvolvido com base na práxis educativa do Grupo, buscando responder à questão de como os conhecimentos agroecológicos trabalhados na escola podem contribuir para o fortalecimento das relações entre agroecologia e educação do campo? Diante disso, objetivamos analisar como os conhecimentos agroecológicos trabalhados na escola e como tais conhecimentos podem contribuir para o fortalecimento das relações entre agroecologia e educação do campo. O estudo foi construído a partir de pesquisas bibliográficas e pesquisa empírica, sustentando a argumentação teórica de que a Educação do Campo e os conhecimentos agroecológicos como metamorfose contemporânea da Educação Popular, se constrói quando integra valores da produção campestre ligados à Agroecologia. Para isso, fizemos pesquisas bibliográficas. O estudo parte das percepções da pesquisa monográfica da discente do curso de graduação tecnológica em agroecologia.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação Popular do Campo, Semiárido, Agroecologia.

### INTRODUÇÃO

No Semiárido Brasileiro, a situação de descontextualização da Educação ocorre não apenas no campo, mas também na cidade. Todavia como já citado, os materiais didáticos, principalmente os livros que chegam às escolas, comumente conduzem imagens e discursos sobre esse lugar que

(83)3322.3222  
[contato@conidis.com.br](mailto:contato@conidis.com.br)

[www.conidis.com.br](http://www.conidis.com.br)

corroboram com um Semiárido distorcido da realidade, onde não é possível se viver, e de pessoas caricaturadas como incapazes, a exemplo do “Jeca Tatu” do escritor Monteiro Lobato.

Esse olhar desconhece as inúmeras formas alternativas construídas pelas pessoas no enfrentamento das situações geradas pelas condições climáticas ao longo dos anos e, mais recentemente, mediado pela Articulação no Semiárido Brasileiro – ASA-BRASIL, construindo coletivamente formas de convivência com o Semiárido em contraposição às históricas políticas públicas de Combate à Seca (CAMPOS,2013).

A proposta de Educação para a Convivência com o Semiárido pretende romper com essa visão distorcida, equivocada e, ao mesmo tempo, com a perspectiva universalista, com a pseudoneutralidade, lembrando Freire, que ainda informam a educação escolar.

A educação para as pessoas do campo é trabalhada a partir de um currículo essencialmente urbano e, geralmente, deslocado das necessidades e da realidade do campo. Mesmo as escolas localizadas nos centros urbanos têm um currículo e trabalho pedagógico, na maioria das vezes, alienante, que difunde uma cultura pobre. Esses são elementos fundamentais para a defesa de construção de uma escola popular do campo.

Nos livros didáticos as crianças não se reconhecem porque as referências são, na maioria das vezes, de regiões e lugares diferentes da sua realidade local. Não se trata de promover o isolamento no lugar, mas de criar condições para que, a partir do local, se possa aprender a construir o diálogo com o conhecimento historicamente sistematizado.

Por essa razão os conhecimentos agroecológicos partindo das interfaces da Educação do Campo é uma forma de mostrar que o campo faz parte do mundo e não é a sobra além das cidades. Essa junção revitaliza a identidade dos sujeitos do campo, mas ligadas a processos de formação bem mais abertos, que não abancam nem completam nela mesma e que também ajudam na tarefa imponente de fazer a terra ser mais do que terra.

A Educação para a Convivência com o Semiárido é uma proposta que convida a escola a considerar o contexto no qual está inserida, no campo ou na cidade; enfatizando inclusive a compreensão da relação campo/cidade/campo como espaços que se complementam cada um nas suas especificidades e, ao mesmo tempo, trabalhando a relação do local com o global, construindo novos olhares. Baseada em reivindicações e proposições da sociedade poderá ser construída propostas educativas que contemplem o fortalecimento desses segmentos de contextos culturais

(83)3322.3222

contato@conidis.com.br

[www.conidis.com.br](http://www.conidis.com.br)

peculiares, trazendo assim uma prática educativa que gere uma aprendizagem significativa ao desenvolvimento pessoal e local na perspectiva da formação da juventude do campo.

Por isso, que se torna tão importante a articulação entre Agroecologia e Educação do Campo possibilitando a reinvenção do fazer pedagógico, através da criação cotidiana de uma alternativa curricular diferenciada e mais dinâmica.

De tal modo, o texto tem como objetivo analisar como os conhecimentos agroecológicos trabalhados na escola podem contribuir para o fortalecimento das relações entre agroecologia e educação do campo, favorecendo a convivência com o semiárido através da pesquisa bibliográfica, onde buscou reunir os principais pressupostos metodológicos realizados sobre a temática investigada, haja vista que a mesma foi de fundamental importância para o debate sobre a questão da contribuição dos conhecimentos agroecológicos trabalhados na escola e como os mesmos podem contribuir para o fortalecimento das relações entre agroecologia e educação do campo. O estudo parte das percepções da pesquisa monográfica em andamento da discente do curso de graduação tecnológica em agroecologia autora deste texto.

## **METODOLOGIA**

O presente escrito desenvolve-se no terreno da educação, fortalecido no ponto de vista da pesquisa qualitativa, que se preocupa com a percepção dos sujeitos sobre os processos sociais e a repercussão dos processos para a reconstrução das percepções e ressignificação social (FLICK, 2009). É uma pesquisa de carácter bibliográfico mediante a consulta de autores sobre Educação Popular do Campo e Conhecimentos Agroecológicos; e pesquisa empírica partindo das vivências do grupo de pesquisa COLETIVO TERRES (Terra, Educação e Saberes) amparados pelos Projetos de Extensão Tecnológica desenvolvido pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, “Educação do Campo e agroecologia: reconstruindo tecnologias sociais nas escolas do campo” e “O conhecimento agroecológico na escola do campo através da educação ambiental”. O projeto é financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) com vigência de janeiro de 2015 a dezembro de 2016 e o outro de fluxo contínuo 01/2015 – PROEX/IFRN já finalizado.

O local escolhido para realizamos o nosso estudo foi o município de Ipanguaçu–RN onde o mesmo é caracterizado como sendo uma região semiárida, com distribuição pluviométrica anual de (83)3322.3222

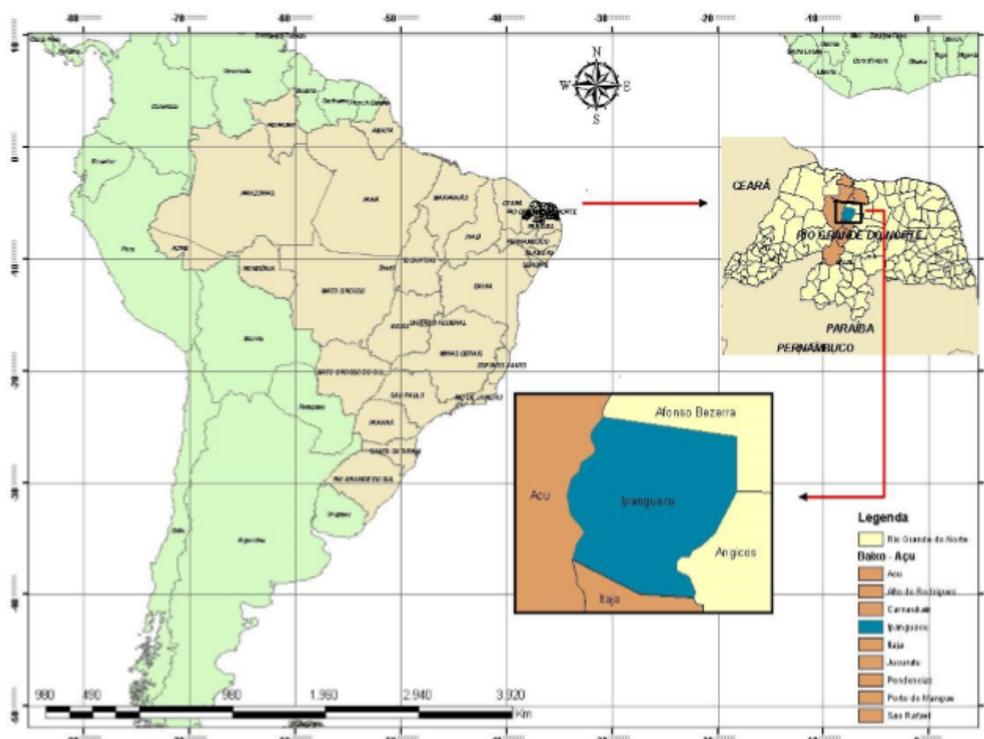
[contato@conidis.com.br](mailto:contato@conidis.com.br)

[www.conidis.com.br](http://www.conidis.com.br)

aproximadamente 521,3 mm até 903,3 mm, com desvio de 382, mm, no período chuvoso, de fevereiro a maio (KÖPPEN, 1948). A média de temperatura anual é de 33,0 °C; e mínima de 21°C, e a umidade relativa do ar em torno de 73%, a evaporação 2.000mm/ano, com insolação de 2.800horas/ano (EMPARN, 2006).

Esse município possui uma área de 374,247km<sup>2</sup> e uma população de 15.308 habitantes em 2016 (IBGE, 2016). No que se refere a sua divisão política, limita-se ao Norte com Afonso Bezerra, ao Sul com Itajá. Ao Oeste com Açú e ao Leste com Anigos e Afonso Bezerra (figura 1).

**Figura 1** – Localização do município de Ipanguaçu-RN.



Fonte: Leci Martins Menezes Reis, 2013.

A agroecologia incita os pesquisadores a conhecerem a sabedoria e as habilidades dos agricultores e a identificar o potencial sem limite de agregar biodiversidade a fim de criar sinergismos uteis que dotem os agroecossistemas da capacidade de manter-se ou voltar a um estado inato de estabilidade natural (ALTIERE, 2002). Fortalecendo tais concepções onde podemos dizer que a educação do campo possui uma relação com a educação popular alicerçadas como uma

(83)3322.3222

contato@conidis.com.br

[www.conidis.com.br](http://www.conidis.com.br)

metamorfose dessa perspectiva teórico-prática que se reinventa desde seu surgimento de acordo com as demandas populares.

Sendo assim, este estudo faz parte das percepções da pesquisa monográfica em andamento da discente do curso de graduação tecnológica em agroecologia autora deste texto, onde foi desenvolvido no IFRN - Campus Ipanguaçu organizado pelo grupo de pesquisa COLETIVO TERRES o qual fazemos parte.

O percurso desse artigo se concretizou através do levantamento de fontes, da análise crítica da documentação existente e das vivências das autoras, bem como da apropriação do referencial teórico necessário para a realização das discussões propostas. Tais como: Miguel Altieri, 2002 (Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável); Gomes & Santos, 2013 (Agroecologia: princípios e reflexões conceituais) Arroyo, Caldart e Molina, 2011 (Por uma educação do campo); Paulo Freire, 2001 (Extensão ou Comunicação?); Evandro Ghedin, 2012 (Educação do Campo: Epistemologia e práticas); Porto Araujo, 2011 (Relação entre os saberes na construção de uma escola popular do campo).

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A educação em Agroecologia vem se fortalecendo em diversas experiências pedagógicas, que se diferenciam por aspectos além das condições ecológicas. Um formidável elemento que fortalece a articulação do ensino superior em agroecologia é a opção por uma proposta pedagógica com referenciais na construção do conhecimento agroecológico estreitando ainda mais os laços entre a educação popular do campo e agroecologia, na simples disseminação das tecnologias “limpas” de produção agroecológica e da convivência com o semiárido oportunizando assim, o diálogo com a escola do campo. Partindo dessa caracterização do semiárido, nós construímos essa reflexão a partir da horta na escola.

Superar essa dicotomia entre as representações sobre as escolas no campo, vislumbrando as possibilidades de constituição de uma escola popular do campo, reinventando as relações de saberes apoiadas nas práticas que ocorrem no interior das salas de aula, na prática docente, integrando o que já vem sendo realizado e as possibilidades de incorporação de novas ações para atender as novas demandas e funções dessa escola é uma tarefa essencial nas pesquisas e práticas de Educação Popular do Campo (PORTO ARAÚJO, 2011, p.71).

(83)3322.3222

contato@conidis.com.br

**[www.conidis.com.br](http://www.conidis.com.br)**

Procurando responder como os sujeitos que atuam na educação do campo concebem esse processo, fizemos pesquisas bibliográficas de autores que corroboram com essa temática, procurando pressupostos metodológicos que correspondessem nossas inquietações referentes a relação da Educação Popular do campo e os conhecimentos agroecológicos na escola do campo.

Partindo dessas inquietações referentes aos temas propostos, de acordo com Caldart (2012) e o seu reconhecimento crítico que nos remete a uma reflexão em relação as escolas do campo e o seu ambiente rural, ainda possuem obstáculos para tornarem-se de fato ‘Do Campo’.

Por isso este movimento por uma educação do campo se afirmar como um basta aos “pacotes” e a tentativa de fazer das pessoas que vivem no campo instrumentos de implementação de modelos que as ignoram ou escravizam. Basta também desta visão estreita de educação como preparação de mão de obra e a serviço do mercado. Queremos participar diretamente da construção do nosso projeto educativo; queremos aprender a pensar sobre a educação que nos interessa enquanto seres humanos, enquanto sujeitos de diferentes culturas, enquanto classe trabalhadora do campo, enquanto sujeitos das transformações necessárias em nosso país, enquanto cidadãos do mundo...

Diante dessas reflexões, vale não pensar em uma proposta de escola do campo, dentro de um ideário pedagógico pronto e fechado, mas, ao contrário, é pensar em um conjunto de transformações que a realidade vem exigindo/projetada para escola. Procurando subsídios para a convivência com o semiárido, contudo temos que procura maneiras de nos identificar com a nossa realidade local estabelecer uma harmonia entre as pessoas e o meio ambiente, todavia não se trata de tentar modificar suas características naturais, trata-se de se adaptar-se as mesmas. Veja-se a título de explicação o que diz Freire (2013),

Na verdade, porém, bastaria que reconhecêssemos o sujeito como um ser de permanente relação com o mundo, que ele transforma através de seu trabalho, para que o percebêssemos como um ser que conhece, ainda que este conhecimento se dê em níveis diferentes: da *doxa*, da magia e do *logos*, que é verdadeiro saber. Apesar de tudo isso, porém, e talvez por isso mesmo, não há absolutização do saber. Ninguém sabe tudo, assim como ninguém ignora tudo.

Nesse sentido a escola exerce um papel importantíssimo, todavia a mesma serve como mediadora da transformação dessa realidade excludente.

Corroborando com essa concepção, a Agroecologia possui um leque de potencialidade para fazer construir novos conhecimentos e processos de desenvolvimento sustentáveis tanto no campo como na cidade desde que garanta a diversidades de saberes, respeitando princípios éticos de solidariedade. “O saber começa com a consciência do saber pouco (enquanto alguém atua). É

(83)3322.3222

contato@conidis.com.br

[www.conidis.com.br](http://www.conidis.com.br)

sabendo que sabe pouco que uma pessoa se prepara para saber mais. Se tivéssemos um saber absoluto, já que este seria um saber que não estaria sendo” (FREIRE, 2013).

Partilhando dessa percepção onde entendemos que a Agroecologia é uma construção social que valoriza os sujeitos que vivem no campo, as respectivas organizações sociais e os demais atores que se articulam no sentido de edificação e de fortalecimento da educação no campo e dos processos agroecológicos, o que parece resultar em uma ampliação das estratégias de meios de vida, com vistas à melhoria das condições de vida destas famílias agricultoras (GOMES, 2012).

Félix (s/d, p.1), é necessário que se estabeleça uma relação de aprendizagem e ensino com os povos mais antigos,

[...] pois eles conseguiam conviver nas regiões semiáridas sem que fosse preciso degradar o meio ambiente. Mas isso não quer dizer que devemos abandonar as novas tecnologias que possibilitam um melhor aproveitamento do solo e de suas riquezas naturais. Pelo contrário, é imprescindível uma complementariedade de ambos, onde o conhecimento tradicional ocupa um lugar fundamental e abre as portas para o conhecimento inovador, ambos trabalhando em conjunto para que se possa estabelecer um nível cada vez maior e melhor na qualidade de vida das pessoas.

De acordo com essa perspectiva, todo conhecimento é uma forma de redesenhar o mundo, de construir ordens por sobre a aparente desordem.

É com este pensamento que conhecer estas práticas mais tradicionais e integralizadores e fomentá-las para criar significado na escola poderá ser uma alternativa de gerar conhecimento agroecológico e contribuir para o resgate da cultura, construção de identidade e autoestima dos povos camponeses, além de subsidiar programas, projetos e atividades significativas a serem desenvolvidas no âmbito escolar, aproximando a escola da realidade e da sociedade, visto que a meta é pôr em prática uma política de educação que respeite a diversidade cultural e as diferentes experiências de educação em desenvolvimento, em todas as regiões do País (GOMES, 2012).

Essa maneira de pensar, além de expandir a visão sobre a ação pedagógica, permite-nos compreender que a horta na escola pode ser muito mais que um canteiro de hortaliças ou uma plantação de frutíferas. Todavia, devemos termos em mente a importância da horta escolar como elemento didático, deixando de lado aquela velha ideologia de que só serve como enriquecimento da merenda escolar ou da reciclagem de materiais que iriam para o meio ambiente, no entanto a implantação da horta no ambiente escolar vai além dessa visão de alimentação saudável, ou seja, permite que muitos caminhos sejam traçados, que diversas questões sejam abordadas na escola.

(83)3322.3222

contato@conidis.com.br

[www.conidis.com.br](http://www.conidis.com.br)



Vale também ressaltar que a horta pronta não pode ser nosso objetivo maior. Parece contraditório, mas nosso intuito com a horta escolar é o próprio processo de discussão, atividades e resultados que ela proporciona a construção do conhecimento em várias vertentes (do ponto de vista pedagógico, estético e educativo, funcionando como um espaço de descoberta e aprendizagem direta das distintas matérias que são abordadas na sala de aula).

Entretanto, enfatizamos que a horta escolar não tem por finalidade produzir hortaliças e olerícolas apenas; ela objetiva algo maior: a abordagem das temáticas ambientais, alimentação e nutrição das plantas, solo e das pessoas com vistas a mudanças dos maus hábitos alimentares, educacionais, sociais e culturais, por meio de uma prática pedagógica dinâmica, prazerosa e mediadora de aprendizagens. Possibilitando assim o resgate da cultura campesina, partindo do compartilhamento dos saberes tradicionais tais como: a confecção de lambedores, garrafadas e chás para auxiliar no tratamento das enfermidades das pessoas, resgatando conhecimentos milenares passados de geração para geração, além do artesanato que podem servir como renda.

Não obstante, possibilita a construção dos conhecimentos agroecológicos, visando como um campo de conhecimento multidisciplinar que enriquece e respeita as pessoas, o solo, resultando em produção saudável e adequada ao consumo. Além disso, contempla a interdisciplinaridade, contudo possibilita o diálogo entre as pessoas e as atividades práticas e teóricas em diferentes áreas de conhecimento, permitindo a prática pedagógica, abordando conteúdos curriculares de forma dialogada possibilitando assim, a construção de valores fundamentais para a construção de cidadãos críticos e participativos.

A construção de hortas na escola caminha junto com os debates atuais que marcam para a importância de adquirir hábitos saudáveis e se mostra como uma alternativa para o fortalecimento de debates relacionados ao uso e ao não dos agrotóxicos, contudo possibilita a discussão que ainda permeia na contemporaneidade, pois a aplicação excessiva nos cultivos no Brasil, está deixando de ser uma questão relacionada especificamente à produção agrícola e se transforma em um problema de saúde pública, todavia está aumentando cada vez mais, o índice de doenças em decorrência dessas maus ações. Pensando nos riscos que o consumo desses produtos oferece à saúde e ao meio ambiente, foram desenvolvidos modelos de produção agrícola que dispensam o uso de aditivos químicos e valorizam o processo de produção orgânica, como é o caso da agroecologia.

Além do aprendizado do manejo adequado do solo, partindo da utilização de resíduos provenientes da alimentação e restos vegetais para construir a compostagem (que mantêm a

(83)3322.3222

contato@conidis.com.br

[www.conidis.com.br](http://www.conidis.com.br)

terra em condições férteis de produção para que ela possa ser reutilizada em novos plantios) e a utilização de materiais que seriam descartados, defensivos naturais, a rotação de culturas, a diversidade no plantio, entre outros. Podem ser ferramentas importantes para a consciência ambiental facilitando assim convivência com o semiárido, pois colocam em prática atitudes ecologicamente corretas para a manutenção da natureza.

Os discentes e docentes que participam de tais práticas conseguem dominar de forma rápida e satisfatória as técnicas de execução das atividades práticas orientadas nas aulas sobre manejo de produção de mudas e plantio e tratos culturais necessários à atividade, percebendo-se, portanto, a facilidade de aprendizado.

O pensamento Agroecológico interligado a Educação do Campo através das práticas na horta, permite o resgate e o ensinamento das práticas agroecológicas tradicionais, onde é de suma importância para disseminação e sensibilização para a construção dos conhecimentos agroecológicos na escola do campo, valorizando os saberes desenvolvidos construindo assim novos processos educacionais na escola do campo.

É sabido que, a agroecologia tem sido considerada um novo modelo de sociedade com visão utópica.

[...] A utopia, neste sentido, está em resgatar processos culturais e “*etno*” de gerações passadas, de resgatar e valorizar o conhecimento popular, bem como integrar processos biológicos aos culturais, sociais, políticos, éticos, enfim integrar homem/mulher, natureza e sociedade considerando um todo dinâmico e complexo (GOMES, 2012).

Diante das possibilidades intrínsecas à agroecologia nos espaços rurais, na sequência recorreremos às raízes e às construções teórico-práticas que materializam a agroecologia, a fim de construir uma reflexão crítica e temporal, a partir de sua inserção mundial (ANDERSSON, 2015).

O pensamento agroecológico necessita de reflexões e do meio acadêmico para organizar e sistematizar suas práticas.

[...] necessita também ser divulgado como alternativa de viabilidade e sustentabilidade para o meio produtivo e para o fortalecimento da agricultura familiar e da identidade campesina. Sendo assim, a escola é um importante agente de transformação social na medida em que proporciona o espaço para interação de saberes e tem seu reconhecido papel sócia (GOMES, 2012).

Como vimos, a Agroecologia pode ser melhor compreendida como uma abordagem que integra concepções e métodos de diversas outras áreas do conhecimento e não apenas como uma disciplina específica (ALTIERE, 2002).

(83)3322.3222

contato@conidis.com.br

[www.conidis.com.br](http://www.conidis.com.br)

Fazendo a relação entre Educação Popular do Campo e Agroecologia, Rossi analisou de forma lúcida e sucinta esta interligação, como podemos identificar na sua fala abaixo:

Agroecologia e educação do campo não são fantasias utópicas, são dimensões práticas e teóricas indispensáveis à transformação societária da ordem vigente. Assim, como é uma contradição associar agroecologia e agrotóxicos, também o é associar educação do campo e sujeição dos camponeses à lógica capitalista ou aos vários projetos vigentes na atualidade que, por meio de suas parcerias “público-privadas”, acabam por reforçar cada vez mais a privatização dos diversos setores. A revolução não se efetivará amanhã de manhã... por isso é imprescindível e urgente desenvolver uma perspectiva revolucionária na análise da mediação entre educação do campo e agroecologia (ROSSI, 2015).

Nesse contexto, a agroecologia tem emergido como estratégia nas experiências e práticas do movimento. Todavia, ainda são poucos os estudos sobre a temática da Agroecologia no campo da Educação do Campo (SILVA & LOPES, 2015).

Para que a escola do campo contribua para a difusão dos conhecimentos agroecológicos é importante a articulação com a comunidade para que juntas possam difundir/construir o conhecimento agroecológico nas escolas do campo. Essa articulação entre escola e comunidade deve permear principalmente pelo compartilhamento de saberes e experiências, das ações e do desenvolvimento de projetos que incorporem as especificidades e dinâmicas do lugar não apenas do contexto econômico, mas também cultural e social. O caminho é construir, portanto, práticas e experiências locais, de modo que, essas experiências podem ser socializadas em outros locais, criando, dessa forma, uma rede das práticas agroecológicas.

## **CONCLUSÕES**

Neste estudo buscamos compreender “como os conhecimentos agroecológicos trabalhados na escola do campo podem contribuir para o fortalecimento das relações entre agroecologia e educação do campo?”.

O conjunto das análises e reflexões construídas na pesquisa sobre os conhecimentos agroecológicos trabalhados na escola do campo, em nossa sociedade revelam, entre outros aspectos, que os princípios da Educação do Campo e da Agroecologia correspondem à mesma matriz histórica social, constituindo esses movimentos, dois campos de conhecimentos que têm em comum a luta pela terra e pela vida; o enfrentamento do agronegócio; o protagonismo das organizações e movimentos sociais e sindicais; outra concepção de educação; e a afirmação do projeto de

(83)3322.3222

contato@conidis.com.br

**www.conidis.com.br**

desenvolvimento de campo com ênfase na agricultura familiar e na agroecologia popular (SILVA & LOPES, 2015).

Sob essa lógica, podemos afirmar que a Educação do Campo e a Agroecologia buscam romper com paradigmas tradicionais, afirmando princípios do protagonismo das famílias agricultoras como disseminadoras de conhecimentos, pesquisadoras de suas próprias experiências, que buscam e reivindicam alternativas que contemplem seus modos de produção de vida, de trabalho e cultura. Isso porque, consolidar uma agroecologia popular implica a afirmação da agroecologia na tríade ciência, prática e movimento social que, construída em diálogo com a Educação do Campo, apresentam potencialidades nos processos de transformação do campo brasileiro.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALTIERI, Miguel. **Agroecologia**: bases científicas para uma agricultura sustentável. Guaíba: Agropecuária, 2002.
- ALVES, Thereza Cristina Utsunomiya et al. Horta agroecológica na prática escolar. In: Seminário Internacional de Educação Superior: formação e conhecimentos. **Anais Eletrônicos**. Sorocaba: UNISO, 2014.
- ANDERSSON, Fabiana da Silva. **Processos de empoderamento e agroecologia**: valorizando o trabalho das mulheres rurais. / Fabiana da Silva Andersson; orientadora Nadia Velleda Caldas. – Pelotas, 2015.
- CALDART, Roseli Salete. **Por Uma Educação**: traços de uma identidade em construção. In: ARROYO, Miguel Gonzalez. CALDART, Roseli Salete. MOLINA, Mônica Castagna (org.). Por uma Educação do Campo. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 5ª ed., 2012.
- CAMPOS, Carlos Humberto et al. **Convivência com o semiárido brasileiro**: Autonomia e protagonismo social. Fundação de Apoio da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – FAURGS/ REDEgenteSAN / Instituto Brasileiro de Desenvolvimento e Sustentabilidade – IABS / Agência Espanhola de Cooperação Internacional para o Desenvolvimento – AECID / Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome - MDS / Editora IABS, Brasília-DF, Brasil - 2013.
- CAPORAL, Francisco Roberto. **Agroecologia**: uma nova ciência para apoiar a transição a agriculturas mais sustentáveis. In: Agroecologia: uma ciência do campo da complexidade Francisco Roberto Caporal (org.). José Antônio Costabeber. Gervásio Paulus. – Brasília.

(83)3322.3222

contato@conidis.com.br

[www.conidis.com.br](http://www.conidis.com.br)

EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA. **Manual de métodos de análise de solo**. Rio de Janeiro: Centro Nacional de Pesquisa de Solos. Rio de Janeiro: EMBRAPA, 1997.

FÉLIX, Karla Kallyana Filgueira. **Práticas sustentáveis para se conviver no semiárido brasileiros**. S/D.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Tradução Joice Elias costa. – 3ª Ed. – Porto Alegre: Artmed 2009.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 11ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

GOMES, Maria José. **A percepção de professores e estudantes sobre a escola do campo no município de Jupi/PE**. In: IV Encontro de pesquisa Educacional em Pernambuco, 2012, Caruaru. Anais eletrônicos. Disponível em: [http://www.fundaj.gov.br/images/stories/epepe/IV\\_EPEPE/t8/P8-259.pdf](http://www.fundaj.gov.br/images/stories/epepe/IV_EPEPE/t8/P8-259.pdf) . Acesso em: 14 Outubro 2016.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Rio Grande do Norte: Ipanguaçu**. Disponível: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=240470&search=||infográficos:-informações-completas>>. Acesso em: 19 Outubro 2016.

KÖPPEN, W. **Climatologia**: con un estudio de los climas de la tierra. México: Fondo de Cultura Económica, 1948. University of Minnesota, Duluth, D.W. Determining Sample Size for Research Activities, Educational and Psychological Measurement. n.30, 1970.

PORTO ARAÚJO, Monalisa. **A relação de saberes na construção de uma escolar popular do campo**. 2011. 211f.: il Dissertação (Mestrado em Educação) - UFPB/CE, João Pessoa.

REIS, Leci Martins Menezes. **Avaliação de sustentabilidade de agroecossistemas de bananeira irrigada de formas diferentes de produção moderna e tradicional**: o caso de Ipanguaçu-RN. Tese (doutorado em Recursos Naturais). Campina Grande, 2013.

ROSSI, Rafael. Educação do campo e agroecologia: da perspectiva reformista a necessárias práxis revolucionária. **Revista Ed. Popular**, Uberlândia, V.14, n.1, p.171-174, jan. /jun. 2015.

SILVA, Lourdes Helena da & MIRANDA, Élide Lopes. **Educação do campo e agroecologia: diálogos em construção**. 37ª Reunião Nacional da ANPEd – 04 a 08 de outubro de 2015, UFSC – Florianópolis.

(83)3322.3222

contato@conidis.com.br

[www.conidis.com.br](http://www.conidis.com.br)